

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas
Continente e Ilhas 24000
Ultramar 29000 e 60000
Estrangeiro 40000 e 90000
(Séries de 24 números)
Pagamento adiantado

NOTA:
Consideramos assinante
quem ao receber o 3.º
exemplar enviado, o não
devolver, gentileza que
muito nos desvaneca.

A R E G E N E R A C Ã O

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo **AVENÇA**

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**
Composto e impresso na *Tipografia Figueirense*

Director e Editor
Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu
Figueiró dos Vinhos

Páscoa no Ano da Fé

Quiseram que a pedra tumular fosse irremovível para com ela encerrarem de vez uma fascinante vida terrena *passada a fazer o bem?* Não tanto. Decerto que também ansiaram por que se diluísse, após a sepultura, o eco mais ou menos incómodo das palavras do Mestre, voz de sabedoria e de esperança que havia respondido às humanas interrogações e angústias. Mas era o menos. O que acima de tudo aquele sepulcro novo devia impedir era a definitiva confirmação de uma promessa. Se Ele ressuscitasse, *não seria vã a Fé* dos discípulos; redivivo o corpo ali sepulto, ressurgia o Homem-Deus.

E' isto, é sempre isto que os fariseus daquele e de todos os tempos desesperadamente não querem. Que Ele seja o Cristo Filho de Deus vivo, nos tenha apagado da frente o estigma da rebelião original que é marca da sujeição ao Inimigo.

Ainda hoje, quando os espíritos em descuido parecem mais receptivos à heresia ministrada como subtil veneno, se esboça o renovo da mesma tentação. Deixemo los esvaziar a mensagem cristã do seu conteúdo sobrenatural e de boamente, com generosidade suspeita e serôdia, lhe darão foros de cidade no confuso sincretismo de valores que brevemente virá começar a idade de ouro do progresso, da fartura e da paz...

Deixemo-los propagandear a convergência blastema do sim e do não, da verdade e do erro, do amor e do ódio; prometem... por uns momentos e na medida em que convenha... exigir apenas em surdina a Crucifixão do Justo, para que um tímido hossana não erguido ao Céu seja o coral imenso duma humanidade reconciliada...

Mas que a pedra tumular se não reerga! Para tanto lhe puseram guarda. Do mais—

que está escrito, e foi glosado e desenvolvido ao longo dos dois milénios—poderão inclusive aproveitar em cheio, se usarem da astúcia de «interpretar» a jeito o sentido unívoco dos textos.

Nós sabemos, porém, que Cristo ressuscitou de entre os mortos. Com o gesto estrondoso da Omnipotência Divina ficou definitivamente selado o pacto da nova aliança.

Iremos revivê-lo uma vez mais neste Abril do Ano da Fé. Não se nos anunciam fastos, gloriosos embora, da cidade terrena, em nome de um Cristo nascido do tronco de David para se ocupar dos negócios da casa de David.

Dir-se-nos-á no jubiloso aleluia pascal: Ressuscitou o Senhor. Ressuscitai com Ele. *«Não é vã a vossa Fé».*

Mensário das Casas do Povo

Provas de automobilismo em Figueiró

Com fins benéficas vão realizar-se nesta vila nos próximos dias 19 de Maio e 16 de Junho duas interessantes provas automobilistas, melhor dizendo, uma Gincana é uma Prova de Perícia.

Saudamos os organizadores pelo seu espírito de iniciativa e desejamos completo sucesso para ambas as realizações que estão a despertar grande interesse.

Novo Subdelgado do I. N. T. P.

Tomou posse, no passado dia 2, o novo subdelgado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência de Leiria, Ex.º Sr. Dr. Martinho Lopo Pereira Coutinho de Bacelar Mendonça Nogueira Pimentel, a quem apresentamos respeitadas saudações

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

CASAMENTOS

No passado dia 7, celebrou-se, na Igreja da Sé Nova de Coimbra, o enlace matrimonial da menina Maria Irene Henriques da Conceição, professora da escola mista de Aldeia Ana de Aviz, pretendida filha da Sr.ª D. Laurinda da Piedade Henriques Loja e do Sr. Alvaro Loja da Conceição, agente comercial, com o Sr. Manuel dos Santos Lopes, professor da escola masculina desta vila, filho da Sr.ª D. Raquel Preciosa Santos Lopes e do Sr. Manuel Lopes dos Santos, comerciante nesta praça.

Celebrou-se a Santa Missa o Rev.º Capelão José da Costa Saraiva, capelão-chefe da 11.ª Região Militar que, na ocasião própria, dirigiu aos nubentes concisa e brilhante alocução.

Após o casamento, apadrinhado por parte da noiva por seus tios—Sr.ª D. Libânia Rosa Loja e marido Sr. Sezinando da Conceição Loja, armazenista de laticínios em Figueiró dos Vinhos —e do noivo, por sua cunhada, Sr.ª D. Maria José Bruno David e Silva e irmão, Sr. Alvaro dos Santos Lopes, empregado bancário entre nós, foi oferecido, pelos pais dos noivos, um saboroso e abundante «Copo d'Água», num restaurante local onde se reuniram e confraternizaram familiares e amigos dos noivos e pessoas das relações de seus pais.

Ao jovem casal cujas qualidades pessoais são garantia dum lar feliz endereçamos amistosas felicitações e desejamos as maiores bênçãos de Deus.

Na capelha de Nossa Senhora do Monte, em Leiria, teve lugar, no pretérito dia 14 do corrente, o enlace matrimonial da menina Célia Maria Vieira Roda, extremosa filha da Sr.ª D. Maria do Carmo Vieira Roda e do Sr. Manuel da Silva Pereira Roda, técnico de automóveis em Leiria, com o nosso conterrâneo, Sr. Manuel Angelo Bruno David e Silva, aspirante de finanças, actualmente a cumprir o serviço militar em Angola, filho da Sr.ª D. Maria do Céu Quaresma Lopes Bruno e Silva e do Sr. Angelo David e Silva, agente comercial.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a Sr.ª D. Maria de Lourdes Santos Silva Machado e marido, Sr. José Guerreiro Machado, industrial; e do noivo—sua irmã e cunhado—D. Maria Angela Bruno e Silva Santos e marido Sr. Lúcio Lopes dos Santos, agente comercial.

Após o casamento, foi oferecido, pelos pais dos noivos, um

Carta de Moçambique

Tardes de Domingo em Nampula

Por PIRES TEIXEIRA

Quando o poente se encastela em silhuetas de fogo nas tardes smenas dos domingos melancólicos da cidade de Neutel de Abreu, os cidadãos despreocupados cruzam as ruas e avenidas e se aglomeram junto às montras em colóquio obrigatório, na volta tradicional chamada dos tristes. O título é mesmo de tradição porquanto a terra é de gente prazenteira e tristes são apenas algumas figuras que por vezes se derramam em snobismos crioulos...

Os meninos que são meninos mesmo, gozam doçuras sem fim e muito bem enquadradas na sua maneira, ao ritmo dos baloiços, na montanha russa, no labirinto, que tudo isso são adornos do parque, ou nas corridas sem mais termo nas voltas do «escondido» por entre os tufo generosos de verdura.

Os meninos que são maiores, vagueiam uns por sítios remançosos encastelando sonhos tantas vezes desfeitos logo ao alvorecer e outros, que já nem vão pelo tratamento de meninos, numa ansia precoce e indisciplinada de maioridade, não sendo mais que adultos menores... se roubam a si próprios esfrangalhando conceitos, contactando relações dúbias, frequentando lugares menos próprios para espíritos em formação, ou se afogam nas cadeiras do cinema jogando os pés ao sabor de impertinente falta de educação, incomodando toda a gente incluindo muitos daqueles que também já fizeram ou ainda fazem o mesmo...

Belos carros de lustro audacioso, tão evidente e despido de validade quanto a vaidade que extravasa do interior de alguns, complicam o trânsito num desafio indelicado aos que dão prioridades nem sempre respeitadas, todos esses que maisinam os policiais quando estes os advertem cumprindo um dever.

Um desconcerto tumultuoso de vozes e risos nem sempre desentranhados da alma; anafados

suculento almoço num restaurante local, durante o qual os convidados trocaram brindes pelas felicidades dos noivos.

Ao jovem casal que partirá brevemente para Luanda aparamos um futuro cheio de felicidades.

cachorrinhos de laços e berloques puxados a trelas de exagerado custo e ostensivo brilho; piropos sem classificação nem pragmática escapados a esmo deletériamente, eis a visão informal das tardes caindo na melancolia da cidade, uma cidade jovem, bonita, irrequieta, embalada em sonhos justos, pe-rene indicativo de juventude.

* * *

E todo esse conjunto humano que é a alma da cidade, que diz ir pelas montras e nem sempre vai, se pavoneia em inicial e pe-tulante desfile para se mostrar em toda a sua tradição, em toda a exótica beleza dos conjuntos heterogêneos, em todos os seus recatos e inconveniências.

Depois é que surge o tempo de montra!

Em todas as cambiantes semanalmente repetidas, vertentes de uma multiplicidade surpreen-te de conceitos, de estranhas formas de análise, de um amálgama complexo de sentimentos.

As montras da cidade se transformam assim, nas montras de toda a gente, na exposição de toda a gente, nas grandezas e misérias de toda a gente!

Montras da modestia e bom senso de muitos, e da tara exibicionista de tantos mais, de todos os falhos da mais elementar

Continua na 2.ª página

Visitantes Ilustres

Tivemos o prazer de ver nesta vila, durante a quadra da Páscoa os Ex.ºs Srs. Drs. Jorge Godinho Ferreira e Fernando António Garrido Branco, aos quais apresentamos respeitadas saudações.

Rev. Capelão José da Costa Saraiva

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o antigo arcepeste de Figueiró dos Vinhos, sr. P.º José da Costa Saraiva, actual capelão-chefe da 11.ª Região Militar, que aqui se deslocou como orador sagrado, por ocasião das solenidades da Semana Santa.

Carta de Moçambique Tardes de Domingo em Nampula

Continuação da 1.ª página

noção de equilíbrio.

Estamos recordando neste momento aquela afectada senhora que defronte de uma montra cidadinha revelou sua passagem pelas montras de Paris e pretendeu solenemente uma acção comparativa!

Nem ao menos falou em coisa nossa, não senhor! Não teve jeito de evocar a nossa Lisboa, a nossa Coimbra, o nosso Porto, não, foi logo pelo estrangeirismo! Nós sentimos-nos tristes por ela e felizes por nós, porquanto as montras do nosso amor e da nossa saudade continuam sendo aquelas modestas e desprezíveis que há mais de vinte anos deixámos no nosso Figueiró de sempre!

* *

O mundo junto às montras da cidade é um mundo diferente.

Já vimos um senhor de brancos cabelos alvejando por entre teimosa juventude, exuberante de gestos e risos, curvar-se displicente em mesura suspeita ante um manequim de elegância flagrante mas tragicamente morta!

Entretanto, a seu lado, as elegâncias vivas se acotovelavam sem adregarem influenciar o «jovem» ancião... O fenómeno compreender-se-á em penetração macabra de coisas mortas...

Também acontecem por vezes, mais frequentemente que os testemunhos de urbanidade, os grupos egoístas que tomam de assalto o espaço fronteiro à montra e dali não arredam pé enquanto não irritarem uma dúzia reforçada de curiosos que teimam em manifestar o direito comum de ver o que está para ser visto...

* *

Os passeios defronte às montras da cidade se transformam, por via de regra, em passarelas por onde desfilam a elegância e o chiquismo da terra. E pela elegância nós vamos, tanto quanto nos retraímos pelo muito que detestamos o tal chiquismo pretencioso.

Mas que o espectáculo é de interesse não restam dúvidas. E' ver-se ali em doses sempre renovadas as atrevidas mini-saias, por vezes tão «minis» que deixam à mostra mais que umas esganiçadas pernas sofrendo a pausa de joelhos disformes e salientes de inestética. E' claro que sucede também o regalo da vista, quando sobram das «minis» verdadeiras jóias de arte em torneamentos estonteantes e provocantes...

Tudo isso é parte integrante do grande e diferente mundo no relaxamento da volta dos tristes junto à policromia das montras da cidade!

* *

De nariz esborrachado contra vidro que resguarda todas as tentações de domingo à tarde—tempo de compras para os pobres—, alguns casais de namorados se surpreendem em projectos de encantar. E essa é a nota mais válida naquele mundo de montas, mundo salpicado das cores rubras do poente escorrendo nostalgias numa har-

moniosa sinfonia de ternuras.

Homens e mulheres, negros e brancos, velhos e novos e gente de meia idade, pobres e ricos, vaidosos e humildes, elegâncias incontroversas e passadas belezas, destilam permanentemente durante muitas horas frente às montras da cidade, alinhavando sonhos, derramando saudades e recordações, encastelando renúncias para não dizer inconformismo, dobrando tentações, de cenho carregado ou abrindo-se em riso franco e largo, prosseguem a tradição da volta dos tristes nas tardes amenas de domingo plantando no pequeno mundo que eles mesmo constituem, um mundo grande e diferente, um mundo de expansões dispersas onde se entrecrocaram todas as sensações.

Esse, é o mundo do nampulense nas festejadas tardes de domingo, as tardes que por isso não acordam em nós o cair da folha, com todo o cortejo de nostalgias desse linguajar da natureza, aquele que transmite as dramáticas certezas do caminho percorrido, no tempo, o mais duro, precisamente porque nos aproxima daquela meta de lágrimas para quem fica e de paz para quem parte.

E na contemplação desse espectáculo de todas as tardes de domingo, nós deixamos nosso espírito viajar e vamos para bem longe, para a terra onde nascemos e por bem nenhum do mundo trocamos, e sentimos-nos felizes, sem montras, sem o tumultuar desse mundo estranho, transportados pela poesia saudosa do Cabeço do Peão, do Vale das Zebas, do Senhor Jesus da Sobreira, por tudo isso que foi o mundo de nossa juventude e ainda é e será. É perenemente o mundo da nossa saudade e do nosso amor, o que nos enche a alma e é o bálsamo em nosso coração.

Vendem-se

Lotes de terreno para construção em bom local nesta vila. Infomar nesta redacção.

Colónia Balnear Infantil do Governo Civil de Leiria

Verifica-se que, em 1967, se registou um aumento na despesa total, em relação ao ano anterior, de 18 199,20, aumento sem expressão se tivermos em linha de conta a elevação do custo de vida.

A despesa diária por criança foi de 10,590, quando em 1966 tinha sido de 8,872, mas, por outro lado, verifica-se que a média geral de aumento de peso por criança foi, em relação àquele ano, de mais 0,150 Kg.

Abençoado aumento de despesa e abençoados sejam os benfeitores desta bela Obra que todos os anos correspondem generosa e carinhosamente ao apelo do Governador Civil. Abençoados ainda os componentes do reduzido grupo dos seus abnegados dirigentes, em Peniche, que à mesma se entregaram gratuita e totalmente.

A todos o Governador Civil de

Os preços dos combustíveis líquidos

Por despacho ministerial de 12 de Março de 1968, foi determinado que os preços de venda ao público dos combustíveis líquidos (gasolina, petróleo, gasóleo e «fuel-oil») sejam os seguintes a partir do dia 1 de Abril do ano corrente:

Gasolina I. O. 95 RM—6,550 por litro, fornecida nos postos abastecedores autorizados no continente e ilhas adjacentes.

Gasolina I. O. 85 RM—5,560 por litro, fornecida, igualmente, nos referidos postos.

Petróleo—1,885 por litro, fornecido aos revendedores em Lisboa. O preço de venda de petróleo ao consumidor é acrescido do diferencial de transporte fixado e de \$15 por litro correspondente ao diferencial de revenda.

Gasóleo—2,845 por litro, fornecido aos revendedores do continente e ilhas adjacentes nos postos de abastecimento, quer a granel quer em taras. O diferencial de revenda de \$15 por litro é acrescido a este preço nos postos de revenda, pelo que o preço a fixar nestes postos é de 2,860 o litro.

«Fuel-oil»—\$90 por quilograma fornecido a granel nas instalações das companhias distribuidoras em Lisboa.

Para a lavoura é mantida a bonificação de \$70 por litro de gasóleo.

As crianças dos 7 aos 14 anos, completos em 31 de Março deste ano, frequentarão a escola primária em Outubro

1. De acordo com o disposto nos artigos 3.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 45 810, de 9 de Julho de 1964, e no artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 47 480, de 2 de Janeiro de 1967, o recenseamento escolar, desde o presente ano de 1968, passa a abranger todos os menores de 7 a 14 anos completos até 31 de Março, inclusive, do ano lectivo a que respeitar o mesmo recenseamento.

2. De acordo com o disposto nos artigos 3.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 45 810, de 9 de Julho de 1964, ficam sujeitos à obrigatoriedade da frequência escolar do Ensino Primário todos os menores recenseados nos termos do número precedente.

Exceptuam-se:

a) Os menores abrangidos pelo preceituado no artigo 4.º do Decreto n.º 38 969, de 27 de Outubro de 1952;

b) Os menores que frequentem o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário que, nos termos do artigo 1.º do Decreto Lei n.º 47 480, de 2 de Janeiro de 1967, substitui o 1.º ciclo do Ensino Liceal e o ciclo preparatório do Ensino Técnico Profissional;

c) Os menores que frequentem o Curso Unificado da Telescola, conforme o disposto no artigo 17.º da Portaria n.º 22 113, de 12 de Julho de 1966.

Leiria agradece e sauda respeitosamente.

N.º Do nosso conselho, frequentaram a Colónia 24 crianças.

A produção de Nitratos de Cálcio vai ser duplicada no nosso País

Na sede dos Nitratos de Portugal, efectuou-se assembleia Geral Ordinária a fim de discutir e aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal e eleger nos termos estatutários os membros do Conselho de Administração.

Presidiu o Sr. D. Manuel de Bragança, secretariado pelos Srs. Dr. Albano Enes Dias e José de Sousa Nazareth.

O Sr. D. Manuel de Bragança começou por se congratular com a presença àquela Assembleia do Sr. Dr. João Augusto Marchante, presidente do Conselho de Administração, há tempos vítima de grave acidente.

O Sr. Dr. João Augusto Marchante agradeceu em seguida as palavras que lhe haviam sido dirigidas pelo Sr. D. Manuel de Bragança, dirigiu saudações aos accionistas presentes, depois do que delegou no Sr. Eng. Duarte Ferreira, vice-presidente do Conselho de Administração, o prestar à Assembleia alguns esclarecimentos acerca do Relatório e Contas.

No uso da palavra o Sr. Eng. Duarte Ferreira começou por fazer detida análise sobre os diversos problemas administrativos da empresa, nomeadamente no que diz respeito à amortização das instalações fabris que se encontra reduzida a mais de 50 por cento do investido, esforço este conseguido em 7 anos; e à amortização de obrigações.

A continuar, o sr. eng. Duarte Ferreira referiu-se à participação da empresa na construção ou aquisição de casas para o seu pessoal, além de haver participado numa recente Cooperativa Habitacional da Sacor e Empresas Associadas, após o que falou acerca da ampliação das instalações fabris para duplicar a produção e adaptação da linha de fabrico de Nitrato de Cálcio e produção de adubos complexos, iniciada em Novembro passado

com pleno êxito.

Quanto à duplicação de capacidade de fabrico de ácido nítrico salientou que continua a ser executado o respectivo programa com pleno êxito, encontrando-se já no nosso País todo o material, fabricado na Alemanha. Depois de se referir à actividade da empresa no que diz respeito à assistência ao seu pessoal, em que dispendera cerca de 2000 contos apenas no que diz respeito à Cantina, não se referindo já à assistência médica e de outra ordem e sob diversas formas, o sr. Eng. Duarte Ferreira abordou o problema das vendas, salientando que, no passado ano se mais tivesse produzido mais se havia vendido.

A terminar informou a Assembleia de que as acções de Nitratos de Portugal vão ter em breve cotação na Bolsa, esperando-se que dados os resultados obtidos o seu valor venha a corresponder ao progresso da Empresa.

Usaram depois da palavra, prestando homenagem ao Conselho de Administração, os Srs. major Areosa Feio e Prof. Costa Leite Lumbrales, evidenciando a forma como a Administração da Empresa agiu durante o passado exercício.

O Relatório e Contas e parecer do Conselho Fiscal foram em seguida aprovados por unanimidade, após o que se procedeu à eleição de um novo membro para o Conselho de Administração, tendo sido escolhido, também por unanimidade, o accionista Sr. Ruy Oliveira da Silva.

A Assembleia votou para aplicação do saldo de 10.496.674,46 a distribuição do dividendo de 5 por cento ao capital.

No final, o Sr. Dr. Stichini Vilela propôs um voto de confiança à Mesa da Assembleia Geral para elaboração da respectiva acta, o qual foi aprovado por unanimidade.



Aplique à sementeira dos cereais praganosos, sem qualquer receio, umas 20 unidades de azoto que correspondem sensivelmente a 100 kgs. de Nitrolusal 20,5%.

NÃO POUPE NOS ADUBOS

CASA LANIGAL
DE

J. Gonçalves

Fazendas de Lã e Algodão; Chapelaria; miudezas e todos os artigos de retrozeiro

Agente da Companhia de seguros «METRÓPOLE»

Apartado 19-Telef. 46 Figueiró dos Vinhos

Materiais de Construção

Sempre aos melhores preços

Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, *Martlingança*, Tubo, de Ferro Galvanizado, Chumbo Grês e Plásticos

Material para casa de banho

Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmatados Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos, Lava-Roupas, Torneiras, etc.

FERRAGENS

Pás de Bico e Quadradas, Picaretas, Forquilhas para Cascalho e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro, um completo sortido de Fichas, Fechos, Fechaduras, Pregaria, Redes de Arame, Tintas, Óleos, Vernizes, Telhas, Tejolos e Adubos

Farinhas C U F - Sanders

Material eléctrico

A. Ferreira Leitão

TELEFONE 171

Figueiró dos Vinhos

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos — TEL. 13

Escritório em: **Pedrogão Grande**

(Na primeira 2. Feira de cada mês)

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Doenças da boca e dentes

Consultas { 2.^{as} 4.^{as} e Sábados das 9 às 12 horas
5.^{as} e Sábados das 15 às 18 horas

Telefone 98

Figueiró dos Vinhos

Mobiladora Tomarense

— DE —

Fernando Mendes

Sempre grande sortido em Móveis Completas, de todos os estilos, Colchoaria e Móveis avulso aos melhores preços

Os móveis vendidos nesta Casa são entregues em casa da cliente sem qualquer encargo para este

Aven. Torres Pinheiro, 60-62
TELEFONE 33354

TOMAR

SALÃO ROSA

Continua à disposição das suas Ex.^{mas} Clientes.

Filomena Rosa

TELEF. 172

Figueiró dos Vinhos

GRANADA

Drogaria — Perfumaria
Brindes

Utilidades Domésticas

Grande e variado sortido aos melhores preços.

GRANADA

Um estabelecimento moderno que rivaliza com os melhores do País.

Rua Dr. António José d'Almeida
Telef. 185

Figueiró dos Vinhos

Venda de Propriedades na Vila

Está à venda uma casa com seus logradouros, horta com água do roteiro e de poço, e um olival, propriedades situadas na Fonte das Freiras, nesta vila, confrontando:

A casa e a horta:

— do nascente com Francisco Rodrigues Ferreira, poente com Manuel Quaresma Ferreira, norte com o largo da Fonte das Freiras e sul com herdeiros de Dr. Artur Nunes Agria, e

O Olival:

— do nascente com Manuel Quaresma Ferreira, poente com herdeiros de Dr. Artur Nunes Agria, norte com Manuel Quaresma Ferreira e sul com José Quaresma Oliveira.

Está encarregado da venda o Advogado Dr. Henrique Lacerda, de Figueiró dos Vinhos, a quem devem ser dirigidas as respectivas propostas, até ao dia 30 de Abril.

Automóvel

Marca Skoda, vende-se, em bom estado de conservação e mecânica.

Nesta redacção se informa

CELESTE

Cabeleireira

Ao dispor de V. Ex.^{as} na rua da Cadeia em

Telefone 209

Figueiró dos Vinhos

VENDE-SE

Propriedade c/ casas-adega-vinhas-oliveiras-eucaliptos e pinheiros e poço c/ água, em Testeiras de Altardo.

Informa: Almerindo F. David (Telef. 13—Lameira Cimeira); ou a proprietária, Carolina S. Graça—na Rua de S. Bento, 07-2.º, em Lisboa,

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa Luzia

DE *A. E. Campos*

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de
Casamentos
e Baptizados
Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos

Stand de Automóveis e Camions

— em —

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

— de —

Barreiros (Irmãos), L.^{da}

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN e camiões BARREIROS e DODGE, bem como da famosa marca de Scooters VESPA

Automóveis usados de todas as marcas com garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automóveis

Automóveis de Aluguer

Telefone 184

Apartado 12

Agência Central de Contabilidade

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

a cargo de

António da Conceição Campos

Equipada com Técnicos de Contas inscritos na D. G. C. I. e sistema mecanizado

Executa toda a escrita comercial ou industrial

Aníbal Pereira Gregório

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 784

Campelo—Fontão Fundeiro

Carta de Moçambique

Negros Portugueses na Esteira dos Brancos...

Pelo Dr. Matos Gomes

A penetração de Portugal pelo interior dos sertões africanos começou, naturalmente, por ser levada a efeito pela acção intrépida de brancos, melhor, de peninsulares. Não tardou muito, porém, que estes não fossem imitados pelos seus émulo de origem nativa e local. Era o exemplo, é certo, mas era principalmente a confiança que o Português inspirava, com os seus métodos, a todos quantos topava no seu caminho e lhe procuravam seguir os passos e igualar os efeitos. O Português nativo foi, em África principalmente, desde a primeira hora, um valioso elemento não só de colaboração, mas de continuidade.

A História de Portugal está repleta de miscigenação étnica até ao mais alto da sua expressão representativa: no campo da inteligência e no campo activo da defesa nacional. Bastariam dois exemplos grandes para o demonstrar, o maior dos nossos Escritores do século XVII que foi o Padre António Vieira e o Primeiro-Tenente da Armada, Filipe dos Santos Nunes, morto em combate no Incomati, em defesa de Moçambique, ao findar o ano de 1894, um Mulato e um Negro. Mas o rosário é mais longo e estende-se a muitos outros sectores da nossa realidade sociológica.

O Brasil pode dizer-se que é uma experiência coroada do mais retumbante êxito sob este ponto de vista. Nas longururas do Oriente, na Malásia e em Singapura, subsiste o *papá cristão*, um Português do século XVI muito adulterado. «este língua cristão, ainda diferente, tem vivo e mostra nosso amor por língua de nossa abos» apesar de «quatro centos anos passados» e «misturado de muita sorte nação» — como eles dizem e, às vezes, escrevem...

Em África, a penetração pelo Interior foi feita por Brancos como António Fernandes que andou por terras do Monometapa à volta de 1515 e penetrou pelas actuais Zambia e Rodésia, pouco faltando para chegar aos horizontes de Angola dos nossos dias. Desse lado, o interior era conhecido e conhecidos os caminhos e as gentes da zona central do Continente. E os seus desbravadores foram sempre Portugueses durante séculos, embora muitos deles não fossem Brancos e ostentassem a cor dos Negros genuínos ou a dos Mulatos e mestiços muito mais próximos do ponto cimeiro na escala civilizacional. Refiro-me aos Funantes e Pombeiros que os houve em todos os tempos a partir de Angola, isto é, do Atlântico para o Índico e daqui, quer dizer, de Moçambique para Angola. A pé, por terra e pacificamente como se exprimiu o E'pico — «entre Gentes remotas...».

Abstraindo agora dos Brancos os Mestres e o Exemplo, quero por hoje apontar o nome quase esquecido de alguns Negros e Mistos e Mulatos Portugueses de primeira água que deram lustre — sem essa pretensão — ao nome qualificativo de nacionalista que orgulhosamente ostentavam e defendiam como heróis à custa do Sangue e da Fazenda, longe de

tudo, por vezes a meses ou anos de distância de qualquer ponto de socorro ou de refúgio. Uma condição única os irmanava e igualava: eram Portugueses e os Portugueses, embora sempre em menor número, nunca se deixaram apavorar pela cobardia ou pelo medo...

Desses homens intrépidos merecem assinalada referência, entre outros, Francisco José Gonçalves, o *Carique*. Diz um transmontano ilustre que se lhe refere — António Augusto Dias — que andou por Angola mais de quarenta anos: «O *Carique* era Mulato. Foi um dos grandes pombeiros angolanos de fins do século XIX e princípios do actual. Percorreu todo o Alto Congo e as Rodésias. Foi um viajante intrépido».

Em plano mais vasto, «dois pombeiros pretos, Pedro João Baptista e Amaro (ou Anastácio?) José, fizeram a travessia, levando cartas» (do Governador Geral de Angola, Conde de Porto Santo) — escreve o mesmo Autor — «para o Governador Geral de Moçambique e voltando com a resposta».

Poder-se-ia situar aqui José António Lopes, um Português branco em Angola, nascido na Chibia e sertanejo indomável e que, para servir a Pátria — esta Pátria portuguesa euro-africana, — sendo «possuidor de cerca de nove mil cabeças de gado bovino, perdeu umas seis mil». Esta crónica, porém quero-a restrita aos Portugueses mistos e negros e eles, pelo que são e significam, bem a merecem: representam a vitória do Homem Português sobre a Selva bruta e aniquiladora.

Nenhum destes grandes Homens, destes grandes Portugueses, faria isto e seria assim sem o influxo humano, sem o contacto da vida, o exemplo, a carne e o sangue daqueles que, outrora, tudo deram de si para se converterem mais e em pioneiros, em desbravadores de Mato e Consciências até então virados para outras preocupações, sem noção do Tempo nem do Futuro, já que para o nativo em estado normal o tempo não existe e o futuro é o viver do dia de hoje sem mais nada a não a ancestraltria mais oral que real da origem.

E não se pense que os dias de hoje são diferentes.

Um capitão negro que desembarcou em Lourenço Marques em tempos, integrado nas forças que da Metrópole se dirigiam ao Norte da Província em missão de soberania, tinha sido trabalhador do Porto daquela Cidade e, reconhecido pelos seus iguais de raça teve estrondosa manifestação que nada mais representou do que o sublinhado duma peculiar maneira de ser que não distingue nem cores nem raças entre os Portugueses: distingue n'elles, sim, a sua capacidade e os seus méritos dos nacionais, a sua capacidade de ascender como outros quaisquer.

Cartas ao Director A Estrada de Campelo

A propósito do artigo intitulado «A Estrada de Campelo» publicado no último número deste jornal, recebi o nosso Director a carta que, a seguir, se transcreve e cujos dizeres muito nos desvanecem e incitam a dar o melhor do nosso contributo em prol do progresso humano, social e económico do concelho e região, como parte que são do todo nacional que todos desejamos ver engrandecido.

Ex.^{mo} Sr.
Director da «Regeneração»
Figueiró dos Vinhos

«No editorial «A Estrada de Campelo», referindo-se há pouco o Jornal de V. Ex.^a à necessidade urgente de se mandar proceder ao alcatroamento e outras beneficiações daquela estrada, e ali se apontam, de modo inteiramente objectivo e válido, as circunstâncias e motivos que reclamam a imediata actuação das entidades competentes, no sentido de, sem mais demora, chamarem a si o assunto e lhe darem a solução que se impõe.

Dada a lucidez e o verdadeiro sentido das realidades com que o caso vem tratado no aludido editorial, dispensamo-nos de agora o comentar nestas linhas, e apenas desejamos também frisar mais uma vez que se trata de um melhoramento, cuja necessidade de imediata efectivação se impõe, por si mesma, aos olhos de toda a gente, e a que, desde longa data, nos temos vindo a referir na própria imprensa ou jornais.

Assim sendo, queremos por agora aqui louvar e aplaudir a «Regeneração» pela coragem e exacto sentido de oportunidade com que no interesse geral, e muito especialmente de Figueiró, naquele editorial procura a boa solução do assunto, alertando, para o efeito, a atenção das competentes entidades, ou seja, a quem isso incumbe.

Certamente que a estrada Castanheira-Espinhel virá a ser um facto; poderá levar algum tempo a conseguir-se, mas há-de vir a ser uma realidade, pese lá seja a quem for. As barreiras e entaves e empecilhos serão eliminados, vencidos. Isso é, para nós, artigo de fé.

Assim, também somos de opinião — e já o fizemos notar na «Regeneração» — que Figueiró perderá economicamente, se, no mais breve tempo possível, não for alcatroada, a estrada de Campelo. A boa beneficiação desta via de comunicação é assim, e sê-lo-á sempre, imprescindível ao próprio desenvolvimento económico-social e turístico da região de Campelo e de Figueiró.

Apresentando os meus aplausos, e cumprimentando V. Ex.^a, com toda a consideração me subscrevo:

Matos de Carvalho
(Ministério das Finanças)

Lisboa, 12 de Abril de 1968.

Oferece-se

Para escritório — jovem com o 1.º ciclo liceal.
Informa esta Redacção.

Usanças Supersticiosas

Como quem promete contrai dívida, eu contrai uma quando, no final do meu artigo publicado em colunas de «A Regeneração» com o título «Usanças supersticiosas», prometi publicar mais alguns casos de bruxaria e feitiçaria de que tenho conhecimento.

Como me prezo de ser homem de boas contas, aqui me encontro no Banco dos meus credores com o dinheiro não na carteira, que não uso por desnecessária, mas no bico da Bic para saldar a minha dívida. Não me peçam, por favor, juros de mora que sou pobre de recursos.

Foram três letras que assinei e, portanto, são essas que pago. 1.ª — Uma pessoa tem a infelicidade, por trabalhar na cultura do arroz ou viver em regiões pantanosas de ser mordida pelo mosquito anofele, insecto transmissor da malária, doença, vulgarmente, conhecida por sezões.

Precisa de tratamento mas prefere a bruxa ao médico e um belo dia desloca-se ao consultório daquelas.

A bruxa, sem auscultação, análises ou radiografias, diagnostica logo a doença como uma segurança de perita e certeza de cronómetro — sezões.

Acto imediato, receita uma mistela que diz ser de efeito surpreendente no ataque da doença. E faz isto não por interesse próprio mas por amor dos que sofrem. Se cobra 50\$00 ou 100\$00 de honorários, é apenas para garantir a boa qualidade do seu trabalho, porque, para o povo simples, o que é de graça não presta.

Agora a receita que, pela barateza dos ingredientes da sua composição, é quase gratuita: miolo de pão e teias de aranha, tomados em comprimidos com o pão a servir de invólucro e a teia de substância medicamentosa.

Oh! Horror dos horrores! Teias de aranha tecidas em lugares imundos como currais, poçilas e outros para servirem de armadilhas a moscas, insectos repelentes e responsáveis por uma percentagem nutrida das mortes que os obituários registam!... Mas a verdade é que estas credenças perigosas só acabarão quando o sol aurifulgente da educação e instrução iluminar intensamente a inteligência e o coração de todos os homens.

Que essa luz bendita se não faça esperar são os votos ardentes de todos nós.

2.ª — Como não sou médico, ignoro a origem e a medicamentação da erisipela. Mas isso não tem importância de maior porque não é das minhas atribuições mas, sim, da dos médicos a quem esses e outros problemas de igual natureza preocupam seriamente porquanto lhes cabe a responsabilidade profissional e moral de debelar as doenças.

Mas as pessoas a quem esses problemas não tiram o sono são as bruxas, os curandeiros e quejandos.

Aparece-lhes lá no consultório um doente com erisipela. Eles não precisam de saber a causa e o efeito dessa ou de outras doenças por mais graves que sejam. Sabem, e isso lhes basta, que é uma doença porque os doentes o dizem e manifestam

sofrimento.

— O senhor ou a senhora sofre de erisipela? Não se preocupe que lhe vou receitar um medicamento miraculoso. Agora retira, por uns momentos, para a sala de espera porque a pessoa que lhe serviu de companhia fica aqui comigo.

A bruxa, então, elucida a pessoa que ficou no que tem a fazer: colher no campo uma cebola albarrã e pô-la no telhado da casa da doente de forma que esta ignore a sua existência ali.

— Fique certa de que, feito isto, a doente recuperará a saúde em pouco tempo.

Por aqui se vê, meus caros leitores, que se há doenças no mundo, os únicos culpados somos nós que não vamos todos às bruxas.

O Raul Solnado foi ao hospital e deixou lá ficar os bicos-de-papagaio, o panarício e a barriga de água mas se fosse à bruxa obtinha o mesmo resultado mas com mais eficácia e mais barato.

Erisipelas, fugi que tendes na cebola albarrã a vossa bomba atómica!

3.ª — Agora, o outro caso (a 3.ª letra) que vou apresentar é altamente dramático e comove-nos e assusta-nos profundamente.

Uma mulher magra, macilenta e em permanente sofrimento não foi ao médico mas à bruxa. Tomei conhecimento dela pelos jornais e passou-se já há bastantes anos na Galiza.

Sabe — diz-lhe a bruxa — a causa da sua doença é o olhar de sua sogra. Para se libertar dela só vejo um meio: arrancar-lhe os olhos com um ferro em brasa.

A nora, pensando, egoistamente, só em si e, no ódio em que ficou a sogra, não hesitou na prática de crime tão monstruoso e cruel.

Chegada a casa, aquece um ferro e, com ele em brasa, arranca os olhos daquela que era a mãe de seu marido.

Que outras palavras senão de espanto e de repulsa por tais práticas poderia acrescentar?...

Saldei a minha dívida e com certeza, minha irmã serve-me, hoje, rancho melhorado.

José Rodrigues Dias

De Férias

A gozar merecidas férias, encontra-se junto de seus familiares o nosso presado amigo, sr. Manuel Angelo Bruno David e Silva que se encontra a prestar serviço militar em Angola.

Desejamos-lhe retemperadora estadia.

Festas Regionais

Vão realizar-se, nos próximos dias 21 e 28 do corrente, em Vilas de Pedro e Campelo, respectivamente, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Pranto e da Graça.

As respectivas comissões rodearam os programas deste ano dos maiores cuidados pelo que é de prever que a usual animação seja este ano largamente ultrapassada.

Assine este Jornal